

RECENSÕES

JUSTIFICATIONS DE L'ÉTHIQUE. — XIXe Congrès de l'Association des Sociétés de Philosophie de Langue Française (Bruxelles/Louvain-la-Neuve, 6-9 septembre 1982), Bruxelles, Éditions de l'Université de Bruxelles, 1984, 485pp.

O tema do 19º Congresso das Associações de Filosofia de Língua Francesa — *Justificações da ética* — não poderia ser mais atual e pertinente. O primeiro contato com esta volumosa publicação evocou-me imediatamente uma das últimas e, talvez, a mais célebre conferência do grande filósofo da atualidade, Éric Weil: "Faudra-t-il de nouveau parler de morale?" (cf. *Philosophie et Réalité*, Paris 1982, 255-278). EW parte da constatação que de um tempo para cá, temos visto escorregar aquilo que a tradição chamava de questões morais, "para uma região de sombras, onde sobrevivem as lembranças de antigas discussões e de problemas ultrapassados, relembrados por piedade, retomados para serem enfim definitivamente enterrados, ou comemorados nestas cerimônias que têm o nome de cursos de história da filosofia, das idéias ou da evolução das sociedades e que são, numa palavra, ocupações para conservadores de museus..." (p. 255).

O filósofo tem razão de lamentar o declínio da *discussão* moral, justamente no momento em que as *disputas* entre valores opostos, violentamente afirmados, arbitrários e inconciliáveis, encontram-se em profusão. Neste sentido, o referido Congresso e a recente publicação das comunicações nele apresentadas, deve ser celebrado como um evento de grande importância, neste tempo em que corremos o risco, com o declínio da discussão moral, de sucumbir no absurdo dos fatos incompreensíveis quanto ao seu sentido, de nos tornarmos animais bem nutridos, bem instalados, satisfeitos com os jogos que se nos propõem; ao que, como afirma EW, pode-se responder: por que não?, bastando para tanto não mais querer compreender (cf. op. cit., p. 277s). E, de fato, a leitura das 67 comunicações e das 2 conferências

plenárias apresentadas no Congresso, não decepçiona aqueles que estão convencidos que as questões do bem e do mal — pois é disso que se trata quando se diz moral —, são questões de sempre do homem, este ser capaz de ser conduzido à moral justamente porque é, ao mesmo tempo, imoral (cf. E. WEIL, *Philosophie Morale*, Paris 1969², 18ss).

Duas conferências plenárias abrem este volume, situando o tema do Congresso nos horizontes amplíssimos da atualidade e da própria filosofia. A conferência de Jacques D'HONDT ("L'éthique dans le monde comme il va", pp. 23-40), partindo das ambigüidades da palavra ética que envia tanto à realidade objetiva dos costumes (o que é, ética objetiva), quanto ao pensamento e à reflexão sobre esta ética (o que deve ser, ética subjetiva), coloca em evidência, de modo chocante, o contraste entre o mundo tal como ele vai, com o seu peso sobre a ação humana, e a ética como justificação racional, bem como o contraste entre as intenções e os resultados efetivos da ação. As análises são clarividentes, e a solução dos contrastes não é proposta na linha do "fiat justitia, pereat mundus", mas na direção de uma ética prospectiva e criativa, na direção de um novo espírito ético, cujo esforço de invenção caminha junto com a esperança, única capaz de justificar aquele diante de um mundo que caminha segundo o seu próprio peso. Ao filósofo moral cabe situar as dificuldades presentes na perspectiva do seu desenvolvimento futuro pois "em ética como noutras disciplinas, a verdadeira solução de um problema é o desaparecimento do próprio problema" (p. 38).

Emmanuel LEVINAS nos adverte que a sua conferência retoma amplamente os conteúdos da sua então recente obra *De Dieu qui vient à l'idée* (Paris 1982). Desde o seu título ("L'éthique comme philosophie première", pp. 41-51), a conferência traduz sinteticamente as grandes linhas do seu discurso "filosófico" de fundo eminentemente ético (cf. U. VÁSQUEZ MORO, *El discurso sobre Dios en la obra de D. Levinas*, Madrid 1982, cuja tradução portuguesa está em curso de preparação. Ver também a Nota Bibliográfica de J. B. LIBÂNIO em Síntese 25 (1982) 93-100). Levinas parte da tradição filosófica ocidental na qual a correlação entre *conhecimento* e *ser* é o lugar inteligível por excelência, a própria ocorrência do sentido; mas se pergunta se o pensamento entendido como saber, segundo a ontologia da *filosofia primeira*, esgota todas as possibilidades do pensamento, e se atrás do saber e da sua empresa sobre o ser, não surge uma *sabedoria* mais urgente. Partindo então da intencionalidade, tal como ela se configura na fenomenologia husserliana, Levinas evoca a consciência

não-reflexiva, não-intencional, como devendo responder pelo seu ser diante do outro, do *rostro* do outro, e como devendo ser vivida na responsabilidade pelo outro, com uma responsabilidade de *refém*. A questão ética, segundo Levinas, não é uma questão *teórica*, mas tem o seu lugar na interioridade da consciência não-intencional onde o eu é radicalmente posto em questão pelo outro reconhecido como próximo. Portanto, ser ou não não é a questão. O direito a ser e a legitimidade desse direito referem-se, antes que à abstração das regras universais da Lei, ao sentido de ser, isto é, à ética da sua justiça, que é a questão por excelência ou a questão da filosofia. "Não: por que o ser antes que o nada, mas como o ser se justifica" (p. 51).

O rápido esboço das grandes linhas das duas conferências plenárias sirva de apresentação deste livro verdadeiramente estimulante. A publicação apresenta em seguida os relatórios dos grupos de trabalho das diferentes seções nas quais se organizou o Congresso, e as comunicações que foram apresentadas e discutidas ou, como se supõe, simplesmente enviadas ao Congresso. São 7 relatórios dos grupos de trabalho formados em torno dos seguintes temas: 1) Tempos Modernos (5 comunicações), 2) Ética e religião(8), 3) Antiguidade(7), 3) Época Contemporânea(14), 5) Ética e Política(8), 6) Ética e Arte(3) e, finalmente, 7) Ética, Ciência e Técnica, com 8 comunicações. Por razões que não são explicadas, 9 comunicações mencionadas nos relatórios não aparecem na publicação. O fato é lamentável posto que a leitura dos relatórios desperta um interesse que não vem satisfeito. Por outro lado, 14 comunicações que aparecem na publicação sequer são mencionadas nos relatórios, fato que pode ser entendido mas que mereceria ser explicado. É criticável o critério escolhido pelos editores para a apresentação das comunicações, o da ordem alfabética dos autores, em lugar de reuní-las segundo os grupos de trabalho. Tal como se apresenta o índice da obra torna-se, em alguns casos, difícil ou mesmo impossível, situar no seu contexto algumas das comunicações que não são mencionadas nos relatórios.

Este conjunto de tantas e qualificadas vozes constitui uma peça que merece ser ouvida, analisada e, sobretudo, discutida em todos os seus movimentos, particularmente neste momento em que, como escreveu J. D'HONDT, uma ruptura se anuncia e, diante dela, "a ética ou é prospectiva ou não é" (p. 39). Somente a discussão moral sobre a moral poderá evitar que as doutrinas éticas continuem sendo vozes que gritam no deserto, "esforçando-se por fundar, legitimar, interpretar diferentemente a sua própria inocuidade" (p. 27).

Retorno a Kant? Retorno *de* Kant? A questão é controvertida. As respostas não menos. Alexis Philonenko conclui o seu monumental estudo sobre a filosofia crítica afirmando que o kantismo está em vias de ultrapassamento, e que os verdadeiros destuidores do kantismo chamam-se Einstein, Durkheim, Malinowski, Watson e Crik (esses dois últimos são os descobridores da estrutura do A.D.N.) e, quanto ao direito e à moral Michel Villey e Max Scheler. "Todavia, escreve Philonenko, afirmar que uma doutrina está em vias de ultrapassamento é afirmar a sua fecundidade, sua riqueza e sua atualidade no ultrapassamento que é o seu. Não é pois excessivamente severo reconhecer o estatuto de ultrapassamento da filosofia kantiana. É antes louvável, assim como aos homens que dela emergiram" (cf. *L'oeuvre de Kant*, vol. 2, Paris 1981², 273).

Outra é a perspectiva de Pasquale Salvucci. Enquanto Philonenko conclui, e com razão, pela necessidade de um neo-kantismo que não seja um retorno a Kant, mas que reconheça todo o bem e toda a honra que se lhe deve, Salvucci gasta mais de 600 páginas para afirmar um truismo: "Não é possível voltar a Kant prescindindo da filosofia pós-kantiana, porque isto provocaria a perda daquele conceito de *historicidade* que é a grande conquista da filosofia posterior a Kant... A historicização da instituição kantiana é a tarefa essencial, o motor solicitante da filosofia idealista, colhida, porém, na sua mais válida evolução histórico-teorética" (cf. *L'uomo di Kant*, Urbino 1975², 611). Estas e muitas outras afirmações evidenciam em toda a obra de Salvucci, valiosa por muitos aspectos mas dogmática pelo ponto de vista assumido, a influência da leitura hegeliana de Kant, particularmente na interpretação de Arturo Massolo.

A controvérsia está bem colocada: quem supera, ultrapassa Kant? A crítica das ciências de uma sociedade aberta que devem grandemente a Kant a fundação das suas condições de possibilidade e autonomia, ou a crítica de uma filosofia da história, igualmente devedora daquele que, traçando os limites da razão, possibilitou aquele encontro decisivo da filosofia com a história que conhecemos a partir do século XIX? De fato é em Hegel que naturalmente se pensa quando se trata de superamento de Kant, um Hegel que impiedosamente, mas também injustamente quis encerrar numa frase de efeito toda a filosofia kantiana.

na: "So tief ist dieser Gesichtspunkt, so trivial die Auflösung" (*Encyclopädie der philosophischen Wissenschaften* (PHB) § 47).

Não é esta a sede própria para aprofundar uma questão de tamanho alcance. A sua colocação serve, porém, para situar a "curiosa" — e o adjetivo não é aqui uma crítica — obra de Sichirollo. De fato é no contexto desta controvérsia que ela se situa. Não que ela venha lançar alguma nova luz sobre a questão, mas é na linha da re-leitura, do repensamento de Kant que ela se apresenta.

Curiosa obra, dizia: três ensaios (um de Éric Weil), uma bibliografia "ragionata" e uma breve palinódia como conclusão, reunidos sob o título explica-se por si. Quer simplesmente indicar que em geral uma coisa é a moral ou ética filosófica contida nos grandes 'sistemas' ...; outra coisa é a reflexão moral, mais ou menos explícita e coerente... que encontramos naqueles pensadores que não se ocuparam tematicamente de moral...; outra coisa ainda são as morais concretas, históricas..." (p. 9).

E quanto ao conteúdo? Novamente com a palavra o autor: "Por que Weil? Na ilimitada literatura contemporânea o seu ensaio (um artigo de enciclopédia) pareceu-me em sentido literal paradigmático, exemplar: a reconstrução histórica (...) e a linha teórica, que a solicita por um lado e dela resulta por outro, mantêm-se num tal equilíbrio a ponto de tornar quase impessoal a pesquisa. Desamarrar o feixe, dar razão do conflito e da relação entre moral, política e história é o único modo razoável de compreender aquilo que na nossa tradição (...) se chamou, a gente chamou, 'moral' ou 'ético'" (p. 10). O artigo de E. Weil — *Morale* —, muito bem traduzido por Sichirollo, apareceu em *Encyclopaedia Universalis*, v. XI, 311-318. Não pretendo aqui cometer o erro de "resumir" o artigo de Weil. Um filósofo não se resume, menos ainda Weil, "talvez o último dos filósofos que tenha escrito um 'sistema' de filosofia em sentido estrito, isto é tradicional" (p. 68).

Os dois outros ensaios são de Sichirollo: "Morale storia politica. Appunti su Kant oggi" (pp. 47-58), e "Filosofia e filosofia morale fra Martinetti e Cantoni" (pp. 59-70). O primeiro é a re-elaboração de uma contribuição ao livro *Kant oggi nel bicentenario della "Critica della ragion pura"* (1981), e o segundo já aparecera com o título "Per una introduzione al corso di Filosofia morale", ACME 22 (1979). O primeiro insere-se na linha da re-leitura de Kant fortemente influenciada pela ótica weiliana, da qual Sichirollo não camufla a dependên-

cia: "se queremos continuar a falar de política, isto é de história, como me parece óbvio e razoável, devemos reabrir o debate moral" (p. 10). Sobre a influência de Weil sobre Sichirollo, ver: "Faudra-t-il de nouveau parler de morale?", em: *Philosophie et Réalité*, Paris 1982, 255-278. O segundo ensaio apresenta-se como "testemunho de uma dívida", como "rastro" de uma "geografia e história" da filosofia italiana contemporânea (p. 11), que vai de Martinetti a Cantoni e, naturalmente, Sichirollo, na cátedra de filosofia da Universidade de Milão. Nada de biografia, menos ainda de auto-biografia, diz o autor: "um pouco de crônica, em suma, não sem interesse, penso, para a atual geração" (p. 59).

Mas o grande interesse do "curioso" livro de Sichirollo são os livros, isto é a bibliografia "racionata". O autor se explica: "a bibliografia é pois *racionata*, e em muitos sentidos: é destinada a indicar e ilustrar uma linha (...); um breve comentário introduz os vários momentos históricos e teóricos, às vezes acompanha a indicação de uma obra que se considera significativa; nos limites do possível foram dadas também algumas referências historiográficas..." (p. 12). A bibliografia foi organizada segundo 8 títulos (com no interior vários sub-títulos): 1) Etimologia e noções (pp. 73-78), 2) Bibliografia e história das noções (pp. 79-82), 3) O extremo e médio Oriente. A ética função da política (pp. 83-88), 4) Os Gregos, Roma e as civilizações desaparecidas do Mediterrâneo (pp. 89-99), 5) Antigo judaísmo, cristianismo e islamismo. O monoteísmo. Ética e teologia (pp. 100-109), 6) A secularização da ética na idade moderna. A moral individual entre o Estado e a sociedade (pp. 110-124), 7) De Kant a Hegel e Marx. Da razão prática à história como eticidade (pp. 125-132), 8) O mundo contemporâneo. Éticas e morais na idade das massas (pp. 133-162). O livro se conclui com um Índice de Nomes contendo mais de 800 referências!

Aí está o grande valor do livro de Sichirollo: um livro sobre livros, melhor: um livro de livros. Os destinatários são, como diz o autor, em primeiro lugar os estudantes universitários, os que iniciam uma primeira especialização, e "aquelas que uma vez se chamavam pessoas cultas" (p. 13). O livro pode ser classificado entre os bons "instrumentos de trabalho" colocados à disposição de estudantes e pesquisadores, ainda que este tipo de trabalho seja, como diz o autor, "considerado normalmente — e às vezes justamente — com olho protuberante" (id.). Não é só uma questão de utilidade: "o que conta não é ter o útil como fim. O fim é *compreender*, isto é *querer compreender*" (p. 163).

Marcelo Perine